

São Paulo, NOVEMBRO / DEZEMBRO de 2005.

Olá leitores,

Esse foi um ano interessante... Particularmente, eu diria, instigante... :-)

E aproveito esta edição de final de ano para compartilhar com vocês sementes que estou lançando para 2006 ! A partir de fevereiro, o Projeto Instigar estará reunindo pequenos grupos para a realização de workshops sobre alguns dos assuntos abordados nos artigos.

Verifique o calendário em anexo, e convide os seus amigos a participar !

Quanto ao artigo desta edição...

Em outubro nosso país foi palco de (calorosas!) discussões e de uma decisão nacional sobre a lei do desarmamento. Durante esse processo, diversos argumentos, dados, estatísticas e depoimentos surgiram para apoiar diferentes visões sobre o assunto.

A população foi convidada a participar ativamente do processo de aprovação de um determinado aspecto de uma lei criada no planalto.

Deixando a polêmica do desarmamento à parte, e tirando de foco o óbvio aspecto da violência, tudo isso me fez pensar também a respeito dos *processos de criação e aprovação de leis subjetivas...*

Que são aquelas leis absolutamente íntimas, que regem a nossa forma de funcionamento perante determinadas situações...

E mais especificamente, me fez pensar sobre o sentimento de culpa vinculado à transgressões de algumas destas leis subjetivas...

*O que nos leva a transgredir – ou a não transgredir! – determinadas leis subjetivas?
E, porque a culpa está presente nas duas situações?*

Convido-os a fazer *Reflexões sobre LEIS SUBJETIVAS e suas TRANSGRESSÕES.*

Boa leitura !

Atenciosamente,

Débora Andrade
Psicanalista

Caso não se interesse em continuar recebendo o Projeto Instigar, avise por e-mail ou fone
www.projetoinstigar.com.br – contato@projetoinstigar.com.br – 11-5506-6916

"
*Saudade da tua proximidade
da tua aproximação
do teu olhar concreto,
saudade de te ter por perto*

*Saudade do teu abraço
tão envolvente, quente
do teu toque delicado, ardente,
saudade de te sentir presente*

*Saudade da tua voz
do teu silêncio que grita!
e eu escuto
e não posso*

*Se ao menos uma vez pudesse...
posso?!*
"

Patricia Recski

Solte o Verbo !

Para publicar aqui, envie email para contato@projetoinstigar.com.br com o assunto "*Coluna do Leitor Instigado*"

Quer participar do Projeto Instigar de alguma outra forma?

Contribua como quiser ! Manifeste-se ! Entre em contato e compartilhe sua idéia !

Quer instigar um amigo ?

Envie os dados (nome completo, e-mail e endereço de correspondência) e ele receberá a próxima edição do Projeto Instigar. E se quiser instigá-lo especificamente com uma das edições anteriores, avise com qual.

BIBLIOGRAFIA

Freud, Sigmund – "*O Mal Estar na Civilização*", Obras Completas – Vol. XXI – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*Porque a Guerra?*", Obras Completas – Vol. XXII – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*Ética Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*", Obras Completas – Vol. IX
– Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*O Futuro de uma Ilusão*", Obras Completas – Vol. XXI – Editora Imago.

Freud, Sigmund – "*Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa*", Obras Completas –
Vol. III – Editora Imago.

Reflexões sobre LEIS SUBJETIVAS e suas TRANSGRESSÕES

"Ninguém é Chic se não for civilizado!"

Gloria Kalil

Interessante como este slogan adotado pela Gloria Kalil – que é constantemente consultada quanto à etiqueta em diferentes situações – consegue condensar com maestria diversos dos aspectos que desejo abordar nesta edição do Projeto Instigar.

A começar pela "civilização", que foi, sem dúvida, estabelecida como um meio de proteção do ser humano frente ao poder da natureza. Através do desenvolvimento e do progresso decorrentes dela, o homem aprendeu a controlar o fogo; controlar o ciclo de vida das plantas, deixando de ser nômade; melhorou meios de transportes e de comunicações; melhorou a qualidade e a expectativa de vida; etc. E principalmente, a civilização é um meio de proteção do homem frente a si próprio...

Através do estabelecimento de "regulamentações" para a vivência em grupos (ou, na época, "vivência em bandos"), o nascimento da civilização vem a desbancar a "*lei da selva*" praticada pelos animais irracionais, e pelo homem até então – onde basicamente impera a "*lei do mais forte*" (ou, segundo Darwin, do mais *adaptado*) – dando lugar a um espaço onde, pelo menos teoricamente, até mesmo o mais frágil dos participantes do grupo tem os mesmos direitos a beneficiar-se da justiça e da segurança proporcionada pela unidade do grupo.

Em outras palavras, basicamente estas regulamentações obrigam àqueles interessados em inserir-se no grupo a abdicar de determinados "instintos básicos" em prol da manutenção e da sustentabilidade do mundo civilizado.

Desta forma, por mais que possam existir necessidades e desejos legítimos nisto, espera-se que em um ambiente civilizado ninguém infrinja determinadas leis e regras de convivência... Tenho certeza que alguns exemplos ilustrativos disto estão aparecendo em sua mente...

Algumas destas regulamentações, ou leis, são, em verdade, essenciais para a própria sobrevivência do grupo. Outras, baseadas em valores e princípios compartilhados entre os integrantes do grupo, se fortalecem com o tempo. Enquanto outras, por diferentes motivos, são questionadas, reavaliadas, e eventualmente acabam caindo em total desuso.

E, assim como na formação da civilização, a lei também desempenha um importante papel na formação subjetiva de cada um de nós.

Apesar de existirem dimensões bastante claras distinguindo e definindo o que

é um código de lei, um código de conduta ética, regras morais, e demais normas (técnicas), estou usando o termo “lei” de uma forma genérica e abrangente, incluindo toda e qualquer natureza de regras de convívio humano. E, a partir de agora, quando começo a tratar da subjetividade humana, também incluo sob o termo “lei” as “leis não enunciadas” de âmbito pessoal, porém marcantes e tão ou mais poderosas que as demais... A estas, chamo especificamente de “leis subjetivas”.

Ao nascer, a criança de nada sabe sobre este mundo onde vivemos, e muito menos ainda sobre suas regras. Precisa, aos poucos, ir aprendendo um pouco sobre tudo. Inclusive, sobre as concepções humanas do que é “certo” e o que é “errado”.

Toda criança tem, em algum momento da tenra infância, a fantasia inconsciente de casar-se com um dos seus progenitores. Todas !

E leva algum tempo até que, por exemplo, um pequeno menino tenha condições emocionais de compreender que, apesar do seu imensurável amor pela sua mãe, não é certo, não é possível – não é permitido! – que seu pai “desapareça” para que ele, pequeno menino, possa finalmente “casar-se” com ela.¹

E é através da percepção desta proibição que, então, “a lei” serve como uma espécie de ato simbólico que inscreve a criança na civilização. O pequeno menino terá que abdicar do desejo inconsciente de casar-se com sua mãe... definitivamente...

Este é um primeiro desejo inconsciente que esta criança abdica em função de uma lei que foi estabelecida na sua subjetividade. De certa forma, é o preço que paga para inserir-se na civilização. E, parafraseando, “ninguém será reconhecido como ‘alguém’, se não for minimamente civilizado.”

Outras situações virão, onde outros desejos inconscientes também serão abdicados em função de novas leis subjetivas que vão sendo estabelecidas no decorrer do seu desenvolvimento, desde sua infância até sua velhice. Diversas delas.

São estas “leis subjetivas” que então passam a reger a sua forma de funcionamento perante determinadas situações. E para manter-se na civilização, é necessário respeitar tais leis.

Pense um pouco... Você consegue identificar algumas destas “leis subjetivas” que atuam na sua vida?

E, para corroborar com o poder que estas leis exercem sobre a pessoa, uma espécie de “guardião interno” adverte cada vez que uma destas leis subjetivas está prestes (ou já foi) desrespeitada. E cada vez que há uma transgressão a uma destas leis, este *guardião interno*² intervêm novamente, através de, por exemplo, um sentimento de culpa ou de arrependimento.

¹ Isto, na psicanálise, chama-se Complexo de Édipo.

² Superego

Exemplo light para a grande maioria das mulheres: Está com “dor de consciência” porque comeu aquela barra de chocolate inteirinha?

Ficou mais fácil de identificar agora?

Então reflita sobre exemplos pessoais mais profundos do que este do chocolate...

Estas suas leis subjetivas ainda fazem algum sentido para a sua vida?

Pois bem, a eficiência da atuação do tal guardião interno em evitar que a pessoa transgrida a lei, não necessariamente implica na desintegração dos desejos inconscientes proibidos que motivaram todo o movimento...

Muitas vezes eles são tão intensos, tão arrebatadores, que a pessoa trava uma intensa batalha interna para evitar desrespeitar a lei e entregar-se à realização de tais desejos.

Parece muito desperdício de energia? E realmente é... Algumas pessoas consomem tanta energia neste processo inconsciente, que eventualmente sente-se completamente desgastadas sem nem compreender o real motivo de tal cansaço...

É justamente aí que, algumas vezes, são criados subjetivamente “soluções de contorno”, ou mecanismos de defesa. Através destes mecanismos inconscientes de defesa, a energia inerente àquele desejo proibido é desvinculada dele, e desviada para outras atividades (estas sim, “permitidas”). Isto é uma espécie de disfarce, uma vez que o desejo em si continua existindo. Mas de qualquer forma, amenizando o desgaste do constante confronto com a lei.

É interessante perceber que, dependendo da sua estrutura psíquica, diferentes pessoas lidam com as leis (subjetivas ou não) de formas completamente diferentes.

Você consegue perceber como você lida com as suas “leis subjetivas”?

Na grande maioria das pessoas, há uma percepção muito clara do que é que esta lei determina³, e das prováveis consequências em infringi-la. Como também há um certo receio em transgredi-la, ou alguma graduação de culpa ou arrependimento quando esta é desrespeitada.

E, dependendo do poder que o guardião interno exerce sobre esta pessoa, o sentimento de culpa pode surgir pelo simples fato da pessoa ter pensado em transgredir uma determinada lei. Antes mesmo de ter “passado ao ato”, a culpa já se manifesta...

Também há as pessoas que, apesar de também terem uma percepção muito clara do que é que esta lei determina, sentem prazer em desafiar-la... sentem prazer em transgredir a lei...

³ Pode não estar muito claro o desejo inconsciente, mas está claro a proibição em si...

E há, finalmente, as pessoas que confundem de tal forma seus delírios com a realidade, que simplesmente nem sequer percebem a existência das leis. Desrespeitando-as como se absolutamente nada estivesse acontecendo, uma vez que, na sua percepção, elas nem existem... Ou então, criam as suas próprias leis que regem este universo caótico resultante da confusão e mescla dos seus delírios com a realidade.

Mas retornando para a grande maioria das pessoas... e para as leis subjetivas...

O fato é que, com o passar dos anos, novas leis são criadas e, aos poucos, este código subjetivo vai ficando mais robusto – e pesado. E, além das leis, também são acrescentados ao código subjetivo, o “peso” dos tradicionais condicionamentos... que são aqueles comportamentos que aprendemos a realizar automaticamente (sem pensar...) frente a um determinado tipo de estímulo.⁴

O que aconteceria se olhássemos com atenção para o conjunto resultante deste código subjetivo de leis? Realizando uma reavaliação?

Certamente muitas delas são essenciais para a sobrevivência saudável deste indivíduo! Outras são essenciais para manter o mundo civilizado...

Mas muitas delas, apesar de ainda operantes, talvez já estejam “caducas”...

Talvez alguns dos condicionamentos adquiridos, não façam mais sentido... Talvez o desejo inconsciente proibido que forçou a criação de algumas destas leis, nem exista mais... Talvez elas tenham sido criadas em um momento que a pessoa ainda não tinha maturidade emocional para compreender o porque de tais restrições... Talvez atualmente a pessoa já tenha maturidade para se implicar e se responsabilizar pelo seu próprio desejo...

Porém mesmo assim, ela continua carregando tantas e tantas leis obsoletas... E continua desperdiçando energia com elas...

Já pensou em fazer uma revisão do seu código subjetivo de leis?

Manter as que são essenciais; e ELIMINAR aquelas que são simplesmente “peso morto”, e que não fazem mais sentido na sua vida?

Final de ano talvez seja um momento propício para fazer isto...

E, quem sabe, iniciar o ano de 2006 de forma mais leve e suave... e sem culpas...

Boas Festas !

⁴ “Nossos” condicionamentos tais quais o do “cão de Pavlov” (Nesta experiência de Pavlov, todos os dias, ao alimentar os cão, simultaneamente uma sirene soava. Passadas algumas semanas, mesmo sem fornecer a comida, mas ao soar a sirene, o cão salivava / babava...)

Perante a lei

Franz Kafka – escritor

Transcrição do site do programa *Provocações* da TV Cultura

“Há uma porta que dá para a lei. Diante dela, um guardião, o guardião da porta da lei.

Um homem simples chega e pede para entrar. O guardião responde que, naquele dia, não é permitido entrar.

O homem pensa um pouco e pergunta quando poderá entrar. O guardião responde que de repente, mas não agora. Como a porta da lei está aberta, o homem simples se agacha para olhar para dentro por entre as pernas do guardião. O guardião impede o homem de olhar e o adverte que lá dentro há outras portas e outros guardiães, cada um mais forte e feroz que o outro.

O homem simples não imaginava encontrar obstáculos, pois sempre pensara que a lei deveria ser acessível a todos os homens.

O guardião lhe empresta um banquinho para que possa sentar-se à porta da lei e ficar esperando a hora de entrar. Passam-se os dias e os anos.

O homem simples continua perguntando quando poderá entrar. O guardião lhe dá respostas vagas e impessoais, repetindo sempre que a hora de entrar ainda não chegou.

O homem simples tira a roupa do corpo e tenta subornar com ela o guardião da porta da lei. O guardião não recusa: “Aceito, para que você não diga que não tentou tudo. Aceito, mas ainda não posso permitir a sua entrada”.

Com o passar dos anos, o homem simples maldiz seu destino perverso, de dor, sofrimento e velhice sem poder cruzar a porta da lei, que ali continua, diante dele, emanando uma claridade que ofusca seus olhos cansados. Nada lhe resta senão a morte. Agonizando, ocorre-lhe perguntar ao guardião por que durante todos aqueles anos em que esperou, não apareceu nenhuma outra pessoa pedindo para entrar pela porta da lei.

E o guardião responde: “Ninguém quis entrar por esta porta porque ela se destina apenas a você!... Agora, com sua morte, terei de fechá-la”.

Sobre o autor:

*Escritor tcheco de língua alemã (1883-1924). Considerado um dos principais escritores da Literatura moderna. Retrata as ansiedades e a alienação do homem do século XX. Escreve ainda *A Metamorfose* (1916) e *O Castelo* (1926).*

Instantes

Jorge Luíz Borges – escritor argentino (1899-1986)

" Se eu pudesse viver novamente a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros.

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais. Seria mais tolo ainda do que tenho sido. Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério.

Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvete e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto de sua vida; claro que tive momentos de alegrias.

Mas se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos, porque se não sabem, disso é feito a vida, só de momentos, não percas o agora.

Eu era desses que não ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um pára-quedas; se voltasse a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez, uma vida pela frente.

Mas já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo."

Filme: Chocolate

Título original: "*Chocolat*"; Direção: Lasse Hallström
Com: Juliette Binoche, Johnny Depp e Judi Dench

"Forasteira abre uma loja de doces em uma pacata vila francesa. Ela passa a ter problemas quando as guloseimas despertam desejos reprimidos nos habitantes do lugar."

http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/oscar_2001-indicados-chocolate.shtml

"Como a maioria dos filmes sobre comida, Chocolate é uma produção saborosa, que enche os olhos e faz o espectador sair "leve" do cinema. Não é uma trama original, várias outras já abordaram o mesmo tema, porém, é bem feitinho e muito agradável de se assistir. ... Baseado no livro homônimo de Joanne Harris ... , o filme é uma fábula sobre repressão, poderes e liberdade."

Beth Andalaft

http://www.universohq.com/cinema/rc10032001_01.cfm